

A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO PROCESSO DE TRABALHO DOCENTE

Samira Saad Pulchério Lancillotti¹

Orientador: Prof. Dr. José Luis Sanfelice

Programa de Pós-graduação em Educação - FE/UNICAMP.

Ano: 2008

Resumo de Tese de Doutorado

O estudo tem por objeto a análise da constituição histórica do processo de trabalho docente, desde a transição do feudalismo para o capitalismo, até a contemporaneidade. Objetiva a apreensão dos impactos das transformações materiais da sociedade sobre o processo e a natureza do trabalho docente. As fontes da pesquisa são algumas das propostas educacionais mais desenvolvidas de cada tempo histórico. Também são tomados para estudo, textos clássicos da economia política e da administração científica. O referencial teórico metodológico é a ciência da história. No primeiro capítulo, discute-se a categoria trabalho, desde a economia clássica até o pensamento crítico de Marx. A ênfase recai no entendimento do processo de trabalho e do esforço histórico encetado pelo capital, para aprofundar o grau de subsunção do trabalho. É a base para a análise do trabalho docente, cuja discussão se inicia no segundo capítulo, no qual, a partir de alguns textos clássicos da educação e da historiografia da área, procura-se apreender como se configura o processo de trabalho docente desde a transição do feudalismo ao capitalismo, chegando-se ao século XIX. O processo de trabalho docente é compreendido como atividade com vistas a ensinar, tomando por objeto a formação cultural do aluno, mediada por instrumentos de trabalho (recursos científico-técnicos, conteúdos e espaço físico). Dessa perspectiva, analisa-se a contribuição de Pedro Abelardo, expressão do trabalho docente de caráter artesanal; passa-se pelos trabalhos de John Sturm e dos jesuítas, para chegar à obra de Comenius, que propõe, no século XVII, de forma melhor acabada, o ensino coletivo, com base na organização manufatureira do trabalho. Também são abordadas as contribuições de Jean Battiste de La Salle, e de Joseph Lancaster que, nos séculos XVIII e XIX, se ocuparam da expansão do ensino, nos moldes do ensino coletivo e mútuo, respectivamente. O terceiro capítulo traz as alterações que se processaram na sociedade capitalista, ao longo do século XX, e seus impactos sobre o trabalho. Discute-se a administração científica em Taylor, Ford e Ohno. Avança-se na análise das formas de organização do trabalho, segundo a tese de Benedito Moraes Neto, para quem *taylorismo*, *fordismo* e *toyotismo* conservam características da manufatura. O quarto capítulo retoma o foco no processo de trabalho docente e indica por quais caminhos o capital procura avançar em sua subsunção real desde o século XIX ao XX. A análise parte das proposições de Pestalozzi, Fröbel e Herbart, avançando na discussão de ensaios de superação do ensino coletivo, forjados no século XX, presentes nos trabalhos de Dewey, Claparède, Montessori e Skinner que, no esforço por individualizar o ensino, deslocaram parcelas da atividade docente para os meios de trabalho. O quinto capítulo traz uma análise da EaD, considerada neste estudo como forma mais avançada de trabalho docente, por permitir o alcance de um grau inédito de subsunção real ao capital. Conclui-se, sob as condições estruturais do tempo presente, que o trabalho docente começa a ganhar materialidade, sendo tomado como indício de transformação de sua natureza que, de forma imaterial de produção, tende a tornar-se material. Essa condição é problematizada e debatida nas considerações finais.

¹ e-mail: sspllotti@uol.com.br